

De patinho feio a cisne, a década prodigiosa de Portugal

efe.com/efe/portugal/portugal/de-patinho-feio-a-cisne-decada-prodigiosa-portugal/50000441-4140726

29 de dezembro de
2019



A bandeira portuguesa projetada na Torre de Belém de Lisboa.
EFE/Arquivo

Do resgate ao excedente; do abandono do centro histórico de Lisboa à sua explosão turística; das dúvidas pelo seu governo anti-austeridade à liderança do Eurogrupo. Tudo aconteceu em Portugal, aquele pequeno país da periferia europeia, durante uma década prodigiosa que elevou o seu prestígio externo.

O que aconteceu em Portugal? A questão foi repetida nos últimos anos, nas análises cheias de elogios que chegaram a falar de um "milagre", a palavra recorrente para explicar uma transformação semelhante à do patinho feio que se tornou em cisne.

E a verdade é que algo assim pode ser visto nas ruas das principais cidades do país, onde foram rehabilitados edifícios abandonados e comemoradas alegrias que até esta década eram desconhecidas,

como ganhar a Eurocopa ou a Eurovisão.

Estes são apenas dois exemplos do estado de graça que Portugal está a viver no seu percurso rumo a 2020. Demonstrou que -embora não haja milagres sem letras pequenas- pode sair com sucesso de um resgate.

DESDE O RESGATE ATÉ AO EXCEDENTE

Portugal passou de pedir um resgate em 2011 a prever o primeiro excedente na sua história democrática para 2020. Para chegar até aqui, percorreu um caminho que incluiu três anos de um severo programa de austeridade da troika, vários ciclos económicos em recessão e uma reviravolta épica impulsada pelo turismo.

O ponto-chave é 2015, que divide a década em resgate e pós-resgate, segundo Boaventura Sousa Santos, sociólogo da Universidade de Coimbra.

Nesse ano o país viveu umas eleições que trouxeram um terramoto político com a chegada ao poder do socialista António Costa. O novo primeiro-ministro não tinha vencido, mas conseguiu formar uma aliança no Parlamento com o Partido Comunista Português e o Bloco de Esquerda, o que lhe deu uma maioria estável.

Com isso reverteu algumas medidas austeras, parou as privatizações e aumentou as pensões mais baixas. Bruxelas observou atentamente o autor das contas portuguesas, um então desconhecido Mário Centeno que depois demonstrou a sua predilecção pela limitação da despesa, o que tranquilizou as autoridades e os investidores europeus.

Uma estratégia para começar a reviravolta.

"Portugal aprende da Grécia que não vale a pena fazer um discurso anti-europeu e tentar enfrentar Bruxelas de uma forma inconsistente, o que depois leva a uma grande humilhação", diz à Efe Sousa Santos.

Por isso, "a solução portuguesa é ser um protagonista responsável". Vai tentar tirar partido da capacidade de manobra que as próprias directivas europeias permitem. Isto é uma grande inovação", acrescenta ele.

Uma inovação que nem sempre foi bem compreendida em casa, onde os parceiros de esquerda exigiam mais investimento público e houve manifestações e greves por parte dos trabalhadores, especialmente professores e médicos.

A divergência entre a visão de sucesso no exterior, que culminou com a nomeação de Centeno como presidente do Eurogrupo em 2017, e as desconfianças dentro de Portugal, marcaram o chamado "milagre".

O ORGULHO DE UM NOVO CISNE... COM CICATRIZES

"A economia não é só números, também percepções, expectativas para o futuro. E estamos a ver a imagem do país mudar, o investimento estrangeiro melhorar, o desemprego começar a cair e hoje está nos níveis mais baixos dos últimos 20 anos. Isto significa algo", adverte o sociólogo.

Com ele concorda Pedro Goulart, professor de economia da Universidade de Lisboa, que acredita que "o principal aspecto do milagre português foi que as pessoas voltaram a acreditar no país".

"No auge da crise, em 2013, no auge do desemprego (naquele ano atingiu 18%), acreditar era muito difícil. Tive uma aula onde pelo menos metade dos alunos me disseram que queriam sair. Eu perguntava-lhes: 'Para onde?' e eles diziam: 'Não quero saber, quero sair'", conta ele.

Estes foram os anos em que meio milhão de pessoas partiu, um verdadeiro golpe para um país de dez milhões de pessoas, que também está a envelhecer a passos rápidos: estima-se que em 2050 os idosos representarão 40% de toda a sua população.

Parte do optimismo voltou com a melhoria da imagem internacional de Portugal, reforçada por um aumento espectacular do turismo -que já representava cerca de 15% do PIB-, uma vez que se tornou um destino alternativo ao Norte da África, que na altura tinha problemas de segurança.

"Sem turismo, esta saída (da crise) e criação de empregos não teria sido possível", admite Goulart.

O grande número de visitantes deu a Portugal uma nova imagem internacional, agora cosmopolita, que contrasta com as cicatrizes da crise que os portugueses vêem diariamente, marcada pelos baixos salários, a ameaça da bolha imobiliária e os elevados tempos de espera na saúde pública.

"(A recuperação) não é milagrosa não só porque não trouxeram os rendimentos de volta ao nível de 2000, mas também porque a degradação dos serviços públicos, como a educação e a saúde, ocorrida nesse período entre 2011 e 2015, ainda não foi recuperada", diz Sousa Santos.

Cynthia de Benito